

O PEDAGOGO NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: A PROMOÇÃO DO LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO NARRATIVO PARA IDOSOS ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Autor: Rebeca Bandeira dos Santos; Co-autor: Ana Gregória de Lira;
Orientadora: Tatiana Cristina dos Santos
de Araújo

Universidade Federal de Pernambuco

Becca.bandeira@gmail.com ; ana.gregoria@ymail.com ; tatianacristinaaraujo@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho contribui com a discussão sobre o papel do pedagogo nos espaços não formais de educação, especificamente em uma biblioteca, bem como sobre a promoção de ações educativas que contemplem o lúdico por meio da contação de histórias à terceira idade. Dessa forma, o objetivo foi analisar as funções do profissional de pedagogia nesse espaço não formal, no que diz respeito à elaboração de projetos e ações que proporcionem à terceira idade estímulo às narrativas e uma revisitação à memória através da contação de histórias. Nesse processo, alguns questionamentos foram importantes: como proporcionar a contação de história e o lúdico – principalmente para idosos – sem anular suas experiências de vida; e como promover um momento em que o idoso se sinta à vontade para contar sobre as suas histórias de vida através da contação de histórias. Dentro dessa perspectiva, constatou-se que a função do profissional de Pedagogia é de suma relevância para a propulsão de práticas educativas, inclusivas e cidadãs, não somente no âmbito formal da educação. As falas dos sujeitos da pesquisa demonstram o quanto o lúdico pode colaborar com a diversão, a revisitação de memórias e a descontração dos idosos, além de que, também amplia a participação social deles.

Palavras-chave: Pedagogo, Biblioteca, Terceira idade, Contação de histórias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho contribui com a discussão sobre o papel do pedagogo na biblioteca, bem como a promoção de ações que contemplem o lúdico, por meio da contação de histórias à terceira idade. Objetivamos analisar as funções do profissional de pedagogia, como a elaboração de projetos/ações na biblioteca que proporcionem à terceira idade estímulo às narrativas e uma revisitação à memória através da contação de histórias.

Em minha formação acadêmica no curso de Pedagogia, mais especificamente, nas experiências com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma discussão permanente era o trato infantilizado que se tinha muitas vezes com as atividades e ações educativas que compunham o processo de alfabetização e aprendizagem desse público. Tal fato inquieta porque o processo de alfabetização e letramento precisa atender às necessidades desses educandos, respeitando seus contextos de vida; também inquieta porque a ludicidade, que tem um papel fundamental na vida da criança, não pode ser trabalhada da mesma forma com pessoas que já têm uma vida de muitas experiências que precisam ser levadas em conta.

Dessa maneira, podemos perceber a importância do pedagogo nos espaços não escolares. Iniciaremos uma discussão sobre o pedagogo na biblioteca e a importância desse espaço, casado com o profissional e seu papel na promoção da inclusão e de uma cultura de paz, através da informação. Vale destacar que esse exercício não é fácil, pois é preciso engajamento e muita responsabilidade que exige do pedagogo uma postura ética e política. MOURA e ZUCHETTI (2006, p.235) acrescenta que:

Uma educação assim, voltada para a vida, para a paz, para a efetiva inclusão social, demanda, portanto, uma pedagogia da complexidade que, pela sua dimensão ético-político-estética, concretiza uma educação comprometida com o cuidado, com o bem viver coletivo e com a liberdade.

O pedagogo que atua na biblioteca tem como atuação: planejar e executar ações e projetos que promovam aprendizagem contemplando as experiências de cada sujeito. Segundo Gohn (2001, p. 103), “um dos pressupostos básicos da educação não-formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado”, afinal, o espaço é vivo de informações, conhecimentos e tal construção é rica e feita através da troca, do contato e da participação social.

Sabemos que as práticas educativas vão além dos espaços escolares, sendo assim, concordamos com Libâneo (2001, p.116 apud Gonçalves 2009) afirma que:

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma Pedagogia.

A leitura é um agente libertador e vai além do conhecimento acadêmico: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1983, p. 22). Sendo assim, se faz necessária à busca por atividades que estimulem o hábito da leitura nas crianças, jovens, adultos e idosos e que fomentem uma cultura de paz.

(...) uma sociedade da informação e do conhecimento, como hoje é conhecida a nossa sociedade, implica uma sociedade de leitores. Mas aprender a ler e a escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo e aprender a compreender o seu contexto, não através da manipulação repetitiva ou lúdica das palavras, mas através de um processo dinâmico e dialético em que a linguagem e a realidade se articulem. Ou seja, a leitura deve ser uma actividade emancipadora, um instrumento essencial para que os indivíduos se possam reconhecer como cidadãos, isto é, como detentores de direitos e deveres. Dito de outro modo: a leitura deve ser capaz de dotar os indivíduos de uma maior consciência política (MANGAS, 2011).

Podemos refletir que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra isso porque as nossas vivências e experiências de vida constroem quem somos. Somos sujeitos com diversas leituras de mundo e leituras sobre o mundo.

Conforme Mangas, a leitura em seu processo de leitura e escrita tem um propósito que é capacitar e dotar os indivíduos de uma melhor e consistente consciência política, necessidade de todos nós cidadãos. A construção da cidadania vem pelo processo dinâmico entre a linguagem e a realidade, como bem afirma o autor, despertando nos sujeitos um olhar crítico sobre a realidade, ajudando-os a refletir sobre seu papel na sociedade.

Assim, questionamos: como proporcionar a contação de história, o lúdico – principalmente para idosos – sem anular suas experiências de vida, indo mais além, como promover um momento em que o idoso se sinta à vontade para contar sobre as suas histórias de vida através da contação de histórias. Foram essas questões que me motivaram a fazer algo, planejar, buscar leituras que me permitissem construir, no espaço de trabalho – a biblioteca, ações que tivessem o olhar para o esse público.

A sociedade humana tem seu viés comunicativo, onde a fala e as expressões não verbais proporcionam a comunicação uns com os outros. A comunicação é própria do ser humano, o que nos difere dos demais seres vivos, além, da racionalidade.

A comunicação permeia pelas informações e a biblioteca é uma das instituições que carregam em si essa responsabilidade de tratar as informações e ao mesmo tempo, transmiti-las de modo democrático, Gómez-Hernandéz (2008, p. 59) constata que “cremos firmemente na função da biblioteca como mediadora da aprendizagem durante toda a vida e em todos os níveis, como uma instituição que pode ajudar na transição entre a cultura impressa e a cultura eletrônica através da alfabetização informacional entre outros meios”.

A construção e a resistência cultural permeiam pelos registros históricos, documentados e/ou oralizados e esse espaço oportuniza a difusão de uma informação que almeje em seu próprio cunho uma veracidade antes de ser propagada, isso é importante, pois, “a biblioteca não deve ser entendida apenas como um fenômeno social e cultural, mas sim como uma instituição social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, sendo responsável pela preservação e transmissão da cultura” (SANTOS, 2012, p. 187).

A biblioteca em sua função social vai muito além de um espaço difusor de informações, ela é uma das instituições mais importantes em nosso sistema de comunicação, é nela que a informação chega, que a comunicação é trabalhada, desenvolvida de maneira tal, que possa ser oportunizada por todos. É nesse espaço de informação e comunicação que há

atuação por meio de várias ações, abrangendo desde os bebês (com o projeto “Engatinhando na leitura”) até os jovens e adultos (com ações, oficinas e rodas de diálogo). Diante das tantas ações que essa biblioteca proporciona – em sua grande maioria para crianças e jovens – fomos impelidos a construir um momento lúdico, divertido e inclusivo para os idosos que moram no abrigo Cristo Redentor.

Com o avanço da idade, as dificuldades de locomoção, os problemas de saúde, a necessidade de um cuidado e uma atenção maior aumentam e “faz parte do nosso imaginário que, com a aposentadoria e com a velhice, o lazer ocuparão a totalidade do tempo, mas a realidade contemporânea mostra outra coisa.” (CASTRO, 2001, p.25)

Conhecendo um pouco dos motivos que os levaram a morar nos abrigos – seja por abandono familiar, por ordem judicial e/ou por maus tratos –, sabemos que a carência, nesse momento tão crucial da vida, deve ser ao menos, amenizada por outros setores da sociedade, quando há uma ausência da família.

Através das inquietações sobre a importância de ter o lúdico na terceira idade, indo além do espaço escolar de ensino, respeitando o contexto da faixa etária, o desejo de levar a contação de histórias para os idosos por meio da biblioteca foi endossado, amadurecido, planejado e tornou-se uma ação executada na Biblioteca Popular de Afogados, por meio do “Fabulando para a terceira idade”, no qual os idosos ouviam uma contação de fábulas. Após a realização, vimos a necessidade de discutir a importância da promoção do lúdico a esse público, principalmente na biblioteca, que é um espaço importante na promoção da democracia e inclusão de todas as faixas etárias.

Compreendendo que a formação pedagógica vai além da docência e que precisa abranger ações educativas nos diversos espaços, por trabalhar em uma biblioteca, ter tido experiências em abrigos, um projeto para terceira idade foi idealizado e construído, apoiado e estimulado pela gestora que é formada em biblioteconomia da unidade. O objetivo inicial da ação “Fabulando para a terceira idade” foi oportunizar aos idosos de abrigos um momento de ouvir e contar histórias, muitos que, por motivos de locomoção física e/ou pela logística de funcionamento das próprias moradias, não tinham facilidade de acesso a biblioteca. Em seguida o projeto teve ações descentralizadas e passou também a acontecer nos abrigos, já que alguns idosos não tinham condições físicas de saírem do seu espaço de moradia.

A contação de histórias para idosos atua como estímulo para a construção do espaço de aprendizagem, dentro da biblioteca, pois, a partir das narrativas, eles exercem a revisitação à memória, além disso, quem conta e quem ouve histórias, aprende.

Contar histórias é um ato antigo, constitui a prática da cultura humana. A nossa comunicação e a nossa resistência cultural existem por meio do narrar o real ou o mix do imaginário, contar histórias para os mais jovens para que os mesmos, na idade mais avançada, também as contem aos seus sucessores. Esse é um ato de resistência, de manter viva a memória de um povo.

Vale ressaltar que, ao narrar histórias, o imaginário pode se misturar com o real e vice-versa, uma vez que tudo faz parte da autonomia de quem conta. Contar histórias vividas ou dos antepassados para outras gerações é um meio de manter vivo na memória as narrativas e experiências vivenciadas.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Estimular a imaginação através da contação de história proporciona ao sujeito um exercício do seu plano imaginário, além dessa possibilidade, os sentimentos e as emoções conseguem ir além da imaginação e serem sentidos na vida real. Nas histórias fictícias podemos incluir nossos sentimentos, desejos e ensejos da vida real, o imaginário acaba sendo liberto, transcendendo da vida real para a ficção. Sendo assim, também concordamos com Fanny Abramovich (1989, p. 17), pedagoga e escritora que afirma que:

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.

Ouvir histórias fictícias ou narrativas de vida nos motiva a sentir o que é contado, os momentos de tensão, tristeza e até o encantamento em sua maioria nos tocam com maior vigor, já que temos uma certa dificuldade em assumir e compreender nossos momentos de tristeza e medo. Nas narrativas que são contadas nos identificamos mais fielmente àquilo que mais temos dificuldade de lhe dar consigo mesmo.

O ato de contar histórias transborda e contagia as emoções dos outros, aproximam o contador de histórias de quem as ouve. As narrativas, assim, deixam suas marcas, têm o poder de nos tocar, nos envolver.

METODOLOGIA

O lócus dessa pesquisa foi a Biblioteca Popular de Afogados, inaugurada em 12 de janeiro de 1955 e localizada na região metropolitana do Recife-PE. O entorno da biblioteca tem vulnerabilidade social, não muito diferente de outros locais da região metropolitana de Recife. Também há problemas de infraestrutura, saneamento básico e segurança. Os frequentadores da biblioteca de Afogados são moradores do entorno, concurseiros de outras localidades, crianças e adolescentes que estudam nas escolas situadas nas proximidades.

A primeira ação do projeto, nomeada como “Fabulando para a terceira idade”, foi realizada para um grupo de 12 idosos na biblioteca. Os idosos foram locomovidos com o auxílio do transporte disponibilizado pela Secretaria responsável pela biblioteca (Secretaria de Segurança Urbana do Recife); desse grupo, dois eram moradores do entorno da biblioteca e dez de um abrigo localizado na Região Metropolitana do Recife. Esse abrigo tem, em média, 100 idosos, alguns abandonados por seus familiares e outros que relatam não querer mais depender nem “dar trabalho” à família e se dirigem para a casa de acolhimento.

A contação de fábulas foi o gênero textual escolhido para a primeira ação por contextualizar, através de suas morais, uma relação dialética com as experiências de vida dessa faixa etária. A ideia foi estimular as experiências que, conforme Larrosa, correspondem àquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...]”. (2002, p. 21).

As experiências de vida nos remetem ao aprendizado, uma vez que o ato de narrar a experiência “é um diálogo no qual quem tem algo a dizer enriquece o outro e vice-versa. Nesta experiência dialógica o homem encontra a sua humanidade” (BENJAMIN, 1996), aprende com as experiências do outro e tem sua natureza humana enriquecida.

Para o desenvolvimento da pesquisa, apoiamo-nos na abordagem qualitativa, pois ela concerne para o que não pode ser quantificado, iremos considerar o contexto dos sujeitos, suas crenças, suas ideologias, suas experiências, seus pontos de vista através da fala, concordando com MINAYO (2007, p. 21) “A abordagem qualitativa se ocupa nas Ciências Humanas e Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, eles trabalham com um universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Levaremos em consideração o que constitui cada sujeito como pessoa e seu leque de vivências, sonhos, desabafos e sentimentos.

Em relação ao registro da contações, a partir da autorização dos sujeitos participantes da investigação, elas foram gravadas em áudio incluindo os diálogos travados a partir da participação dos idosos, seus silêncios e os risos. A partir da gravação (registro) da ação e da entrevista realizada com a gestora iniciamos o processo da análise e tratamento dos dados

construídos. Para tanto fizemos a opção da utilização da análise temática de conteúdo, segundo Franco (2005),

é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada, que expressa um significado e um sentido. (idem, p.13).

Desse modo, buscamos categorizar nos dados coletados, os termos/palavras que se aproximavam dos nossos objetivos e questão de pesquisa. A partir destes dois elementos relevantes em nossa intenção de estudo, selecionamos os trechos e/ou expressões que demonstraram a relevância da presença dos idosos na biblioteca, da importância do lúdico também para essa faixa etária. Assim como da relação deles com a ação “Fabulando para a terceira idade”, e a analogia de suas experiências e vida com as fábulas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Falas dos idosos durante a ação “Fabulando para a terceira idade”.

A ação foi realizada na biblioteca, gravada em áudio e transcrita, em seguida das transcrições foi realizada a categorização conforme os pontos em comum e/ou que precisavam ser expostos e discutidos. Ao decorrer dos pontos destacados, levantaremos algumas questões sobre a experiência dos idosos do abrigo a ida a biblioteca, bem como a ação “fabulando”. Abaixo veremos quais foram as percepções dos idosos sobre a ida ao espaço já citado.

Estou no abrigo há pouco tempo e notei que as pessoas que ficam nesses locais têm poucas opções de lazer. A iniciativa é muito boa, é uma tarde diferente daquelas que estamos acostumados. Gosto muito dos livros. (SUJEITO 1, 70 anos).

Na fala do sujeito acima podemos perceber o gosto pelos livros, além do momento diferente em uma tarde de lazer e dessa forma apreendemos como é importante ações como o “Fabulando para a terceira idade”, como ações relevantes para propiciar estas experiências de bem estar e lazer para os idosos.

Nas instituições de acolhimento, principalmente quando o público é de idosos os momentos de lazer, dependem muito do voluntariado, pessoas que se dispõem a ir ao espaço realizar visitas e atividades de descontração. Os abrigos de idosos têm maior cautela ao ter que locomovê-los para outros espaços de lazer, devido às diversas necessidades e particularidades relacionadas à saúde física e mental deles, por precaução acabam optando muitas vezes, por permanecer na própria instituição. Podemos perceber na fala abaixo, outro pontos.

Minha filha, eu já saí muito na vida, gostava de sair, de visitar os parentes, de ir às bibliotecas estudar, mas a idade chegou né? Aqui foi um lazer, era

bom que fosse sempre. [...] O “véio” aqui não pode mais sair só e no abrigo à gente se diverte com o que tem, o dominó (Sujeito 6, 73 anos).

O Sujeito 6 resgata uma das funções da biblioteca, que é ser espaço para estudo, ele revisita sua memória relembrando das saídas por lazer e pelo estudo. Quando se refere a estar na biblioteca revela o desejo de ter esse momento mais vezes, pontua seu momento de lazer no abrigo que é jogar dominó, deste modo podemos refletir sobre a limitação desses momentos de lazer para essa faixa etária.

Ao longo das fábulas os idosos podiam se colocar, acrescentar, discordar, relacionar com suas experiências, o momento era provocador exatamente para que eles se manifestassem, só assim o momento se tornaria um momento rico de trocas. Após a contação da fábula “As aparências enganam”, alguns sujeitos se colocaram dando suas opiniões em relação a moral da fábula e a relação com alguma situação real de vida.

Olhe tem muita gente nessa vida que julga pela aparência mesmo e a gente acaba se decepcionando com as pessoas. Na família a gente acha que alguém é bom e quando vê, ficamos tristes com as decepções. Me lembrei que eu ouvia no rádio, na minha infância, a história do patinho feio (lágrimas, o idoso se emociona ao lembrar sua infância), é bom estar lembrando das coisas boas do passado (Sujeito 4, 81 anos).

O Sujeito 4, em sua fala expõe uma situação familiar em relação da moral da fábula. Podemos perceber ainda, que seus sentimentos de tristeza e decepção o tomam ao lembrar, possivelmente das vivências relacionadas ao contexto da fábula. A revisitação de memória, e o resgate de lembranças que fomentam também, sentimentos envolvidos a elas, reafirmam a importância da contação de histórias e o lúdico para os idosos. A contação de fábulas gera falas que são primordiais, já que esse gênero textual provoca à revisitação a memória bem como às experiências de vida. A moral da fábula tem um viés intencional de nos fazer refletir e relacioná-la com casos reais, Góes (1991) afirma:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144)

No sujeito posterior analisamos além de suas conclusões sobre a fábula, momentos de emoção, de memória, situações e lembranças passadas.

Olhe tem muita gente nessa vida que julga pela aparência mesmo e a gente acaba se decepcionando com as pessoas. Na família a gente acha que alguém é bom e quando vê, ficamos tristes com as decepções. Me lembrei que eu ouvia no rádio, na minha infância, a história do patinho feio

(lágrimas, o idoso se emociona ao lembrar sua infância), é bom estar lembrando das coisas boas do passado (Sujeito 4, 81 anos).

O Sujeito 4, em sua fala expõe uma situação familiar em relação da moral da fábula. Podemos perceber ainda, que seus sentimentos de tristeza e decepção o tomam ao lembrar, possivelmente das vivências relacionadas ao contexto da fábula. A revisitação de memória, e o resgate de lembranças que fomentam também, sentimentos envolvidos a elas, reafirmam a importância da contação de histórias e o lúdico para os idosos.

Quando contada a fábula “A raposa e a Cegonha”, no qual a mesma traz um certo ar de humor, já que cada um dos animais oferece uma comida saborosa em utensílios no qual é conveniente apenas para se alimentar, mas não para o animal convidado, os dois quando ocupam a posição de convidados ficam com fome. Percebemos na fábula que além das diferenças não respeitadas ou levadas em consideração, aquele velho ditado popular “pagar com a mesma moeda”, não corrobora com ninguém.

Menina sabe que eu já fiz muito isso? Tem gente que precisa sentir na pele pra saber o ruim que fez (Sujeito 3, 75 anos).

O Sujeito 3, afirma ter tido muitas vezes a atitude dos animais, personagens da fábula. Ele acrescenta que muitas vezes é preciso sentir na pele o que ruim fizemos ao outro. Provavelmente como ele mesmo afirma, deve ter vivido muitas situações em que o “troco” foi dado como resposta a uma atitude antiga e negativa.

Podemos perceber, nas falas dos sujeitos, o sentimento de pertencimento ao momento, pois eles se envolvem, buscam em suas memórias situações vividas que se assemelham e compartilham suas histórias com o grande grupo. Assim que um fala, o outro já pede a palavra; uns se emocionam, param em suas falas com pausas que provavelmente significam o sentir de grandes lembranças. Quando contadas mais duas fábulas “As duas ovelhas” e “O leão e o rato”, os idosos já percebem a escolha intencional do gênero textual ter sido a fábula, podemos vê na fala do sujeito abaixo.

Vou lhe dizer uma coisa, concordo com você essas histórias são as histórias que acontecem em nossa vida, vivi muita coisa assim, igualzinha (Sujeito 1, 70 anos).

O Sujeito 1, retoma o que afirmamos ao longo deste trabalho, que as fábulas são gêneros provocativos que dialogam com a realidade e as situações da vida, por isso, intencionalmente foi o gênero textual escolhido. O sujeito ressalta que viveu muita coisa igual as narradas pelas fábulas, esse “muita coisa” que ele se refere, subentendemos que seja exatamente com suas experiências de vida.

A fábula é um gênero que tem um importante fim educacional, já que ela permite que os sujeitos se vejam na narrativa, com as mesmas características e ações dos personagens. Tomachevski (apud D' ONOFRIO, p. 63) define a fábula como “o conjunto de acontecimentos ligados entre si que nos são comunicados no decorrer da obra”, sendo assim conseguimos nos conectar com os acontecimentos narrados, pois eles nos ligam às nossas vivências.

Não tem coisa mais certa que “o bem, a gente dá; e o bem, a gente recebe”, pode até demorar, mas ele vem viu?! Têm pessoas que não sabem retribuir o bem, uma vez eu fui ajudar uma colega, mas quando eu precisei ela foi a primeira a fingir que nem me conhecia, tá vendo? Ela não soube enxergar o bem que eu fiz ou até enxergou né? E deu uma de cega depois (Sujeito 7, 85 anos).

O Sujeito 7, se posiciona sobre a moral da fábula, concordando que as atitudes positivas feitas virão de retorno para quem as praticou. Ela cita um exemplo vivido pela mesma, no qual em sua relação de amizade no momento em que a amiga precisou ela ajudou e no momento que ela precisou essa amiga se negou a retribuir o bem que havia recebido, o Sujeito conclui que a pessoa não soube enxergar o bem recebido e até supõe uma nova conclusão, que talvez enxergou o bem, mas, por escolha própria preferiu se abster mesmo.

Percebemos um alargamento de pensamentos e reflexões que os idosos ao revisitarem suas vivências e relacionarem com as fábulas trazem para o grande grupo, eles refletem sobre os fatos ocorridos e trazem conhecidas ou até então, desconhecidas conclusões, como é o caso do sujeito acima. A contação de fábulas é atrativa, pois tem essa facilidade de interagir com as histórias de vida de cada idoso, proporcionando sempre uma troca de narrativas, de experiências e de aprendizagem.

CONCLUSÕES

O pedagogo tem sua função social e exerce um papel importante nas várias áreas, nos espaços formais, não formais e informais, “(...) O pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar.” (LIBÂNEO, 2006, p.215). Por ser pedagoga busco com esse trabalho fortalecer o nosso papel que se pluraliza para além dos muros das salas de aulas, das escolas, aqui enaltecemos que temos uma função de formar sujeitos e isso de fato ultrapassa os limites da docência.

Os idosos foram os sujeitos principais deste trabalho por diversos fatores, um, pelo fato de em toda minha vivência em espaços escolares e não escolares, não via nenhuma ação que proporcionasse o lúdico, a contação de histórias para idosos, outro ponto pois particularmente gosto muito de ouvir as histórias dos mais velhos, tenho avós de sangue e

vários que me adotam como neta, tenho prazer em conversar horas com os idosos, eles sempre me deixam lições de vida e por último e não menos importantes, os idosos deste trabalho são moradores de abrigo.

Morar distante da família, em ambiente distinto, ainda que acolhedor e agradável causa no ser humano muito momentos de questionamentos, anseios e talvez até dúvidas, claro que se o morar longe da família for por causa de maus tratos e abandono é algo que humanamente precisa ser feito, mas meu ponto em questão é que esses casos de maus tratos aos idosos nem deviam acontecer, a família é uma construção e dedicação desse idoso que um dia também foi mais jovem e deveria ser ela seu melhor aconchego e abrigo.

Durante a contação das fábulas, as falas demonstram o quanto o lúdico pode colaborar com a diversão, a revisitação de memórias e a descontração dos idosos, além de que, a participação social deles é ampliada quando ocorrem esses momentos com outras pessoas e com outros lugares. Que esse trabalho possa estimular, pedagogos, bibliotecários, gestores, profissionais de todas as áreas e mais do que isso, que ele estimule pessoas, cidadãos a cumprirem seu papel de exercer a cidadania contribuindo para o exercício cidadão do outro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

BENJAMIN, Walter. **A doutrina das semelhanças**. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CASTRO; O. P. (org) **Envelhecer: um encontro inesperado (realidade e perspectivas na trajetória do envelhecete)**. Sapucaia do Sul: Nota Dez, 2001.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª edição, Líber Livro Editora 2005.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. In:_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989. p.11-24.

GÓMEZ-HERNÁNDEZ PASADAS-UREÑA, Cristóbal. **La alfabetización informacional en bibliotecas públicas: situación actual y propuestas para una agenda de desarrollo**. Information Research, v. 12, n. 3, april, 2007.

_____, Jose Antonio. **La función educativa de bibliotecas y bibliotecarios en el contexto de las tecnologías participativas de la web social**. Ponto de Acesso, Salvador, v. 2, n.1, p. 51-71, jun./jul., 2008.

GÓES, Lucia Pimentel – **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 71).

..... **Educação não-formal e cultura política – impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 120 p.

LARROSA, Jorge. **investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação, Pedagogia e Didática;** in Pimenta, Selma Garrido (org) Didática e formação de professores: percursos e perspectivas na Brasil e em Portugal. Ed Cortez, 2006.

..... **Pedagogia e Pedagogos, pra quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010

MANGAS, Sérgio. **O papel político da biblioteca pública.** Notícia BAD: jornal dos profissionais de informação. Disponível em: <<http://www.bad.pt/noticia/2011/08/25/o-papel-politico-da-bibliotecapublica/>>. Acesso em: 06 julho. 2018.

MINAYO, M.C. de S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 26ª Ed- Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

MOURA, E. ; ZUCHETTI, D. T.; **Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social.** *Educação Unisinos*, São Leopoldo/RS, 2006, v. 10, n. 3, set./dez.p. 228-236.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SANTOS, Josiel Machado. **O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento** .Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012.